

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Condenado, mas "na ativa"

Ainda que esteja condenado, a avaliação dos políticos é a de que Bolsonaro não estará totalmente fora do jogo eleitoral do ano que vem. O grupo mais próximo do ex-presidente é que terá a prerrogativa de escolher o candidato a presidente da República e os candidatos ao Senado de seu partido, o PL. Há o receio de que o ex-presidente, na última hora, diga que não quer Tarcísio de Freitas candidato, o melhor nome apontado pelos conservadores.

Cenário A

Entre os mais afinados aos partidos de centro, porém, há quem anteveja uma chance de isso mudar, se as próximas pesquisas eleitorais mostrarem o ex-presidente sem tanto poder de fogo para eleger aliados. Nesse cenário, Bolsonaro perderá a prerrogativa de escolher o candidato a presidente, mas manterá o de apontar os nomes para concorrer ao Senado. Aliás, nesse caso, ele terá que escolher: ou indica o candidato a presidente, ou 27 candidatos ao Senado. Um por unidade da Federação.

Cenário B

Se Bolsonaro mantiver o prestígio e o poder eleitoral, jogará alto e vai trocar apoio político pelo projeto de anistia ampla, geral e irrestrita.

Kirk na campanha

O assassinato do ativista norte-americano de extrema-direita Charlie Kirk, durante debate aberto na Utah Valey University, nos Estados Unidos, será explorado não só nesse período de julgamento de Bolsonaro, como na campanha de 2026. Os aliados do ex-presidente condenado por tentativa de golpe de Estado planejam subir a hashtag "esquerda mata", elencando os atentados a Bolsonaro, em 2018, e a Donald Trump, este ano.

Por falar em violência...

A morte de Kirk é o retrato da tragédia que se transformou a falta de diálogo da política. Por aqui, mais recentemente, um homem tentou jogar explosivos no STF; outro, planejou explodir um caminhão carregado de combustível, no aeroporto de Brasília, na véspera do Natal de 2022. Isso sem contar as invasões às sedes dos Três Poderes no 8 de Janeiro.

O constrangimento dos militares

Com três generais e um almirante condenados no julgamento desta semana, no Supremo Tribunal Federal, a ordem nos comandos militares é que oficiais mantenham distância desse processo. O clima nas Forças Armadas é de constrangimento. Alguns dizem que a promoção de uma anistia e uma transição pacífica com os civis no pós-1964 foi feita para pacificar o país, e não para ver, novamente, alguns integrantes de seus quadros condenados por tentativa de golpe de Estado. A linha, agora, é esperar o que virá do STF. Por isso, sequer organizaram nada, ainda,

para a prisão dos generais Walter Braga Netto, Paulo Sérgio Nogueira e Augusto Heleno, além do almirante Almir Garnier.



Detalhes contam/ Muitos militares perceberam o cuidado dos ministros com as Forças Armadas. Cármen Lúcia, por exemplo, evitou citar as patentes dos réus condenados. O esforço é no sentido de deixar claro que é preciso separá-las, e defini-las como instituições de Estado leais ao Brasil, da pessoa física dos condenados.



CURTIDAS

Pressão sobre Lula I/ Em meio ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no STF, a reunião do Conselho Nacional dos Secretários de Segurança Pública ficou na penumbra, mas não deixou de ser para lá de importante. Saiu do encontro uma carta aberta ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva para pleitear a criação do Ministério de Segurança Pública.

Pressão sobre Lula II/ O pedido é assinado pelos 27 secretários. "O fato de ter sido unânime mostra a importância e a urgência desse tema, acima das diferenças ideológicas", afirmou o presidente do Conselho e secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, Sandro Avelar.

Clima bom, mas.../ Bolsonaroistas olhavam para o clima cordial na Primeira turma do STF e o placar em favor da condenação meio inconformados. Nos bastidores, diziam que se a composição tivesse a presença de André Mendonça e/ou Kássio Nunes Marques, em vez de Cristiano Zanin e Flávio Dino, o resultado seria outro.

Data simbólica/ Ex-presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos, o advogado Roberto Caldas cita as coincidências da vida com as condenações do núcleo político do inquirido da tentativa de golpe ocorrer num 11 de setembro. Deu-se no mesmo dia em que, em 2001, a Organização dos Estados Americanos adotava a Carta Democrática Interamericana, reforçando os valores democráticos dos países da região, quando os radicais de Osama Bin Laden derrubaram o World Trade Center (as Torres Gêmeas), em Nova York.

Reprodução/Instagram



Nas redes sociais/ "Se não quer ir para a cadeia, é só não fazer besteira" — Jair Bolsonaro, em entrevista ao *CB.Poder*, quando ainda era deputado federal (foto).



Oposição se apegua à anistia

Flávio Bolsonaro e Sóstenes Calvalcante falam em aprovar perdão a todos os golpistas; governistas comemoram "dia histórico"

» VANILSON OLIVEIRA
» ALÍCIA BERNARDES
» CARLOS SILVA
» GABRIEL BOTELHO

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) disparou críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF) após a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e mais sete réus pela Primeira Turma do STF. Em declaração à imprensa na entrada do condomínio Solar de Brasília, no Jardim Botânico, o congressista classificou o julgamento como uma "farsa" e acusou ministros da Corte de atuarem com parcialidade e perseguição política.

"É um resultado que a gente já

esperava, não pelo que estava no processo, mas por quem iria julgá-lo. Pelo menos três pessoas ali que são inimigas de Bolsonaro. O presidente da Turma (Cristiano Zanin) era advogado do Lula até ontem", afirmou. Citou, também, além do relator, Alexandre de Moraes, o ministro Flávio Dino, a quem classificou de "pessoa que chama Bolsonaro de demônio na Terra". Também enfatizou que os três magistrado têm "inimizade" declarada com o ex-presidente.

Flávio voltou a defender o projeto de anistia. "Nós vamos unir o Parlamento e fazer anistia ampla, geral e irrestrita para todos, incluindo Bolsonaro. Anistia criminal, administrativa, eleitoral", enfatizou.

O deputado Sóstenes Cavalcante (RJ), líder do PL, destacou a mobilização para votar a anistia. Segundo ele, o tema deve ser discutido na próxima terça-feira no colégio de líderes. "Tenho muita fé e esperança de que o presidente Hugo Motta (presidente da Câmara) inclua a anistia na pauta, para que o plenário, de forma soberana, possa deliberar", disse, em um trio elétrico próximo ao condomínio em que Bolsonaro mora.

Ele destacou que a sentença imposta pelo STF ao ex-presidente, de 27 anos e três meses de prisão, mudou o cenário político. "A partir de agora, queremos incluir também o presidente Bolsonaro e os réus de hoje (ontem). A anistia seria para todos os condenados."

Já parlamentares da base governista fizeram questão de ir à sede do STF para acompanhar os votos que definiriam a condenação de Bolsonaro. A deputada federal Sâmia Bomfim (PSol-SP) avaliou que o Brasil viveu "um dia histórico". "Acho que a falta de reparação do golpe do passado é o que pavimentou o caminho para que novas tentativas fossem naturalizadas, como fez o Bolsonaro e os seus aliados", disse.

Já o deputado Lindbergh Farias (PT-RJ) ressaltou o peso simbólico da decisão, que pela primeira vez responsabiliza judicialmente militares e um ex-presidente por articular um golpe. "Depois da ameaça à democracia, dos ataques ao sistema eleitoral e do 8 de Janeiro, neste

dia o Brasil está se encontrando com a sua história", declarou.

Trump

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump também reagiu à condenação de Bolsonaro. Ele classificou de surpreendente o resultado do julgamento. "Eu achei que ele foi um bom presidente do Brasil. E é muito surpreendente que isso possa acontecer. Isso é muito parecido com o que tentaram fazer comigo, mas não conseguiram de jeito nenhum. Mas só posso dizer o seguinte: eu o conheci como presidente do Brasil e ele é um bom homem", opinou, quando deixava a Casa Branca em direção a Nova

York, onde assistiria a uma partida de beisebol.

Já o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, ameaçou com novas represálias ao Brasil. Em uma postagem nas redes sociais, chamou Moraes de "abusador de direitos humanos" e classificou o julgamento de "caça às bruxas", repetindo declaração de Trump.

"As Perscrções políticas sancionadas pelo abusador de direitos humanos, Alexandre de Moraes, continuam. Ele, e outros membros da Suprema Corte brasileira acabam de decretar, injustamente, a prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro. Os Estados Unidos vão responder à altura a esta caça às bruxas", escreveu.

Nas ruas, festa e luto depois da sentença

» CARLOS SILVA
» NATHÁLIA QUEIROZ

Risos e lágrimas foram marcas de manifestações na noite de ontem, por todo o Brasil, após o veredicto do julgamento do núcleo crucial da trama golpista. No centro das intenções, estava o ex-presidente Jair Bolsonaro, considerado "líder da organização criminosa", condenado a 27 anos e 3 meses de prisão.

Em frente ao condomínio onde Bolsonaro cumpre prisão domiciliar, chamou atenção o protesto solitário da pastora Eliane Pereira, 62 anos, do Ministério Pentecostal. Envolta em um pano com as bandeiras de Israel e do Brasil,

a pastora disse estar ali em protesto contra a sentença e em "oração pela nação".

Moradora do Núcleo Bandeirante, Eliane afirmou que frequenta diariamente a portaria do condomínio. "Todo dia estou aqui, orando para toda nação, para Deus libertar o Brasil e abençoar o JMS Bolsonaro", declarou em entrevista ao *Correio*.

Para a pastora, o julgamento não a abala, já que, segundo ela, "não há nada escondido aos olhos de Deus que não seja revelado". Com um discurso fortemente pauteado na fé, afirmou acreditar que "apenas Jesus tem o poder de definir os rumos da política e da justiça no país". "A última palavra vem de

Deus. Quem vai dar a última palavra é Jesus. E a última palavra é do Senhor Jesus", disse.

Enquanto rezava, a evangélica destacou que sua esperança se mantém em Deus. "É o Deus de Isaac, de Abraão, de Jacó, Deus de Moisés, Elias, minha força e fortaleza que eu sirvo. Deus vivo", afirmou.

Celebrações

Distante do condomínio, aos gritos de "sem anistia" e ao som de jingles políticos, outros brasileiros se reuniram para comemorar a condenação do ex-presidente e de sete aliados. Entre eles, a assessora Mariana Rosa, 42 anos, e a

administradora Mônica Sacramento, 50, amigas que compartilham a trajetória em manifestações democráticas desde 2014. "Viemos como resposta. O Brasil queria segurança, liberdade, direitos e garantias. Hoje, podemos dizer que o povo venceu", disse Mariana. A expressão de felicidade das duas refletia a sensação de dever cumprido, pois, segundo elas, "a justiça foi feita".

Para o advogado Kauê Pinto, 28, que mora em Brasília há seis anos, o momento trouxe a chance de refletir sobre os últimos anos. "O que aconteceu na pandemia e no governo Bolsonaro marcou muita gente. As pessoas vieram aqui comemorar esse sentimento de justiça."

Carlos Silva/CB/D.A.Press



Eliane faz manifestação solitária em frente ao condomínio de Bolsonaro